

Arnaldo Antunes dá novas canções a Anna Ratto

PÁGINA 4



Oscarizado 'Drive My Car' chega à grade do Netflix

PÁGINA 7



Uma safra repleta de ótimas opções em animação

PÁGINA 8



## 2° CADERNO



Frans Krajcberg, escultor polonês radicado no Brasil



José Zanine Caldas, arquiteto e designer

O artista Frans Krajcberg (1921-2017) e o arquiteto e designer José Zanine Caldas (1919-2001) foram amigos e se influenciaram mutuamente em seus segmentos de atuação. Esta sinergia pode ser conferida a partir deste sábado (23) na exposição inédita “Krajcberg & Zanine”, na Galeria Athena.

A mostra explora os pontos de contato entre as obras de dois grandes nomes da cultura brasileira, ressaltando a preocupação de ambos com o meio ambiente. A relação dos dois é pouco conhecida e até hoje nunca havia sido feita uma exposição sobre o assunto. “Krajcberg e Zanine foram muito amigos e tiveram uma convivência muito próxima com a natureza. Existe um diálogo entre as suas obras, e a ideia da exposição é apresentar o melhor de cada um deles”, diz Liecil Oliveira, sócio da Galeria Athena.

A exposição apresentará cerca de 20 peças, entre esculturas de Krajcberg, dos anos 1960 e 1970, e itens de mobiliário e também uma escultura de Zanine, dos anos 1970 e início de 1980. Com produções bem diversas, os dois têm em comum o uso sustentável da madeira e a preocupação com o meio ambiente, já na década de 1970, quando pouco se falava sobre o assunto.

Na exposição, serão apresentados relevos de parede de Krajcberg, feitos a

# KRAJCBERG & ZANINE, O ARTISTA É O ARQUITETO EM DIÁLOGO PERMANENTE

Exposição na Galeria Athena promove o encontro de obras e de ideias de dois ícones da cultura e da luta ambiental

partir de madeiras provenientes de queimadas e desmatamentos, com pigmentos naturais, criados por ele, nas cores preto, branco e vermelho. Haverá, ainda, uma única e grande obra de chão, da série “Bailarinas”, feita a partir de madeira queimada e pigmentos naturais.

Ainda de Krajcberg, haverá obras da “Série Sombra”, técnica que consiste em capturar a sombra projetada por algum elemento natural, recortando em um suporte de madeira o desenho criado, que depois é fixado na peça, dando relevo e volume. “Era um projeto complicadíssimo, no qual ele colocava no sol aquilo que ele queria criar uma sombra, mas nem sempre ficava como ele queria e ele ia desenhando na madeira o defeito que aparecia. Ficava horas fazendo isso. Algumas eram sem cor, madeira lavada, mas na grande maioria ele usava elementos da natureza, pigmentos que ele encontrava no minério ou na terra, e trabalhava este pigmento para criar essas cores”, afirma Liecil.

De Zanine serão apresentadas peças icônicas de mobiliário e design, conhecidos como “Móveis Denúncia”, que faziam um alerta sobre o desmatamento e o desperdício de matéria-prima na Mata Atlântica. Dentre elas, destacam-se uma mesa de jantar e a emblemática poltrona namoradeira.

Continua na página seguinte



Sem Título, de Krajcberg



Hammock Hanging, de Zanine

# Uma cidade que inspiro ambas as obras

**J**osé Zanine Caldas começou a frequentar a região de Nova Viçosa em 1968. Lá se redescobre e modifica bastante a sua produção, tanto arquitetônica quanto de mobiliário, passando a utilizar madeiras de resíduo florestal. Encantado com o lugar, sonhava em transformá-lo em uma capital cultural e levou diversos nomes para lá, como Chico Buarque, Oscar Niemeyer e os artistas Carlos Vergara e Frans Krajcberg, que morou na cidade até o final de sua vida, na famosa casa na árvore, construída por Zanine.

“Quando se fala de Nova Viçosa, pensa-se logo no Krajcberg, mas quem levou ele para lá foi o Zanine, que também tem uma passagem muito marcante pela cidade na questão urbanística e arquitetônica”, conta Flávio Santoro, sócio da Diletante42, que organiza a exposição junto com a Galeria Athena.

Foi em Nova Viçosa que o arquiteto produziu os “Móveis



Sem Título, de Krajcberg



Round Table, de Zanine



Namoradeira, de Zanine

Denúncia”, reaproveitando materiais disponíveis como forma de protesto contra o desmatamento, característica que marcou toda a sua produção.

Em 1972, levado por Zanine, Krajcberg passa a residir em Nova Viçosa e sua obra tem uma definitiva mudança. Ampliando o processo de escultura iniciado anos antes em Minas Gerais, começa a trabalhar com vegetação danificada por queimadas e desmatamento, intervindo especialmente em troncos e raízes. O caráter de denúncia de suas obras fez com que o artista, que nasceu na Polônia e veio para o Brasil em 1948, naturalizando-se em 1957, seja mundialmente conhecido como um ecologista.

## SERVIÇO

### KRAJCBERG & ZANINE

Galeria Athena (Rua Estácio Coimbra, 50 - Botafogo)  
De 23/3 (abertura, das 16h às 19h) até 18/5, de terça a sexta-feira (11h às 19h) e sábados (12h às 17h) | Entrada franca



Bailarinas, de Krajcberg



# Uma faxina gigante nas ondas do streaming

Preocupada com avanço da IA na criação musical, Deezer anuncia remoção de 26 milhões de músicas de seu catálogo

Por **Affonso Nunes**

A facilidade de criação de conteúdo musical por meio da inteligência artificial vem preocupando as principais plataformas de streaming que passaram a receber uma enxurrada de material de baixa qualidade, o que pode gerar experiências negativas para os assinantes desses serviços e acaba diluindo a partilha dos valores referentes a direitos autorais para artistas de carne e osso.

A Deezer confirmou a remoção de mais de 26 milhões de faixas (13% de um total de 200 milhões de músicas) desde que lançou pela primeira vez seu sistema de pagamento centrado no artista, aprovado pelo Universal Music Group, em setembro de 2023.

“Há muito conteúdo sendo carregado em nossa plataforma todas as semanas, e esse número continua crescendo, crescendo e crescendo. Há muito conteúdo duplicado, há muito conteúdo que nem é música... e, a certa altura, você obtém muito conteúdo que é inútil para os usuários. E começa a criar uma experiência ruim para o nosso público”, denunciou Jerônimo Folgueira, CEO da plataforma, em teleconferência global de resultados da empresa em março do ano passado.



Divulgação Deezer

**Jerônimo Folgueira: ‘O conteúdo gerado por máquina é muito barato e fácil de fazer, então você pode criar muito conteúdo. O problema é que ninguém o encontra em um oceano de conteúdo’**

Com a chegada da música gerada por IA, o executivo temia que o problema pudesse piorar ainda mais. “Obviamente, precisamos lidar com a questão da IA como fonte de uma enorme quantidade de novas músicas ou de criação de novos conteúdos”, disse em entrevista recente ao portal Music Business Worldwide. “Queremos oferecer aos nossos clientes uma experiência de alta qualidade e conteúdo relevante, então, obviamente, fazer com que a IA inunde nosso catálogo não é algo que nos interessa muito, e estamos trabalhando nisso”, completou.

## Reorganização

A intenção, explica o dirigente, é reorganizar a plataforma, focar em faixas que sejam valiosas para os ouvintes e aumentar a participação de mercado para todos os artistas que criam música. “As faixas que

foram removidas incluem ruído, álbuns mono-track (álbuns feitos de cópias de uma única faixa), artistas falsos e faixas que não foram ouvidas nos últimos 12 meses”.

Como parte dessa iniciativa, a Deezer está fazendo uma limpeza em seu catálogo. Apesar das preocupações do mercado sobre o conteúdo gerado por IA, a empresa informa que a quantidade de faixas carregadas na plataforma continua mantendo a média de mais de 100 mil conteúdos musicais por dia.

Líder mundial do segmento, o Spotify também parece caminhando para um modelo centrado no artista. A empresa confirmou em novembro passado que, a partir do primeiro trimestre deste ano, as faixas da plataforma deverão ter recebido um mínimo de 1 mil reproduções nos 12 meses anteriores para se qualificarem

para pagamentos de royalties.

A plataforma estima que isso movimentará cerca de US\$ 40 milhões em pagamentos de royalties de faixas com menos de 1 mil reproduções para aquelas com mais de 1 mil reproduções este ano.

## Estatísticas

Dados publicados recentemente pelo monitor de mercado Luminate oferecem uma pista sobre por que as plataformas estão cada vez mais tentando desincentivar o upload de faixas que ganham pouca força. De acordo com o relatório 2023 da Luminate, 86,2% das músicas rastreadas em serviços de streaming tiveram 1 mil reproduções ou menos em 2023. E das 184 milhões de faixas monitoradas pelo Luminate em serviços de streaming, 45,6 milhões, ou 24,8%, não tiveram nenhuma reprodução.

Estatísticas deste tipo são provavelmente parte da razão pela qual os executivos da música estão cada vez mais expressando a opinião de que – em meio à enorme enxurrada de novos conteúdos que chegam às plataformas de streaming todos os dias – a única maneira de trazer à tona a música que as pessoas querem ouvir é mantendo “o humano touch”: músicas de artistas reais, transmitidas por ouvintes reais.

“O conteúdo gerado por máquina é muito barato e fácil de fazer, então você pode criar muito conteúdo. O problema é que ninguém o encontra em um oceano de conteúdo”, comenta Folgueira, que deixará o comando da Deezer no fim do mês. Stu Bergen, ex-CEO das operações internacionais de música gravada da Warner, foi nomeado CEO interino da Deezer a partir de 1º de abril.

## CORREIO CULTURAL

Um presente do  
**Arnaldo Antunes**

Paramount/Divulgação



Robin Williams foi o Popeye do longa de 1981

## Popeye, o marujo que come espinafre, vai voltar ao cinema

Popeye, o marinheiro que come espinafre, será tema de um novo longa-metragem. De acordo com reportagem da revista Variety, o filme está em desenvolvimento e teve a participação do roteirista Michael Caleo, da série cult "Família Soprano". Não há data de estreia prevista. O marujo acaba de completar 95 anos.

Será a terceira vez que o personagem, que apareceu pela primeira vez numa tirinha de jornal em 1929, volta à tela grande. A anterior foi em 1980, em "Popeye", longa no qual o marinheiro era interpretado por Robbin Williams. Criticado em seu lançamento, mais tarde o filme ganhou status cult e reconsideração crítica.

### Sempre Dorival

"Nas Ondas de Dorival Caymmi", documentário dirigido por Locca Faria, será o filme de abertura do 26º Festival de Cinema Brasileiro de Paris. O filme reúne depoimentos dos filhos do mestre, além de inúmeros artistas e pesquisadores.

### Rumo ao SBT

Ana Furtado é cotadíssima para apresentar o novo Bake Off Brasil. O SBT e a Warner Discovery debatem a nova temporada do reality de confeitaria e o nome dela é bem visto por ser conhecida do grande público e ter potencial para trazer anunciantes.

### Sonhos narrados

A instalação sonora Pode Sonhar - Mapa Sonoro está aberta a visita no Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica (Rua Luís de Camões, 68) até sábado (23) depois de passar por equipamentos culturais da Pavuna em dezembro e da Glória em fevereiro.

### Sonhos narrados II

O projeto é resultado de um laboratório criativo em torno dos sonhos de jovens artistas das zonas norte e oeste, que durou dois meses. São seis peças sonoras, de aproximadamente 10 minutos, que reúne estes sonhos narrados pelos próprios artistas.

Compositor paulistano oferece a Anna Ratto seis canções inéditas para segundo volume de álbum dedicado à sua obra

Por Affonso Nunes

**A**cantora e compositora Anna Ratto deu uma pausa em seu trabalho autoral para lançar um álbum que acabou se tornando um divisor de águas em sua carreira, "Contato Imediato - Anna Ratto visita Arnaldo Antunes" (2021), em que, produzida por Liminha, gravou releituras inventivas de canções do autor paulistano. E Arnaldo gostou tanto do resultado que presenteou a cantora com seis canções inéditas que farão parte de um segundo volume do aclamado projeto.

"Como agora ele sabe o que cabe bem na minha voz, deixei o Arnaldo livre pra escolher ele acabou me mandando canções com temáticas bem diferentes entre si. Teremos então um novo álbum vindo aí, ainda este ano, com três regravações e seis inéditas", comemora Anna.

Sobre as três faixas restantes, a cantora explica: "O Kassin vinha sugerindo gravar as músicas que eu faço no show, mas que não registramos no 'Contato Imediato', já que os arranjos estão prontos e super redondos. A primeira ideia foi fazer um EP com esse original, mas quando eu contei ao Arnaldo que estava planejando gravá-las, acabei de ganhando essas seis canções inéditas de presente", conta.

E é com este repertório que

Bianca Ramoneda/Divulgação



Anna Ratto faz sua estreia no palco do Circo Voador nesta sexta-feira (22), às 21h, em show que reúne canções marcantes de Arnaldo como "A Casa é Sua", "A lha esperar", "Ela é Tarja Preta", "Contato Imediato" e "Socorro", entre outras. E Anna Ratto convidou o cantor e compositor Rodrigo Suricato (guitarrista e vocalista do Barão Vermelho) para uma participação especial.

Além dos sucessos já citados, o show Imediato - Anna Ratto visita Arnaldo Antunes, o show aposta em canções de várias fases da carreira do compositor paulistano e fundador dos Titãs. A banda de Anna Ratto é formada por Kassin (guitarra), Jorge Ailton (baixo),

Cesinha (bateria) e Antônio Dal Bó (teclado).

Quinto na discografia de Anna Ratto, o álbum que mergulha na obra de Arnaldo.

Na sequência, Maurício Baia faz o show de lançamento de "Baia no Circo 2", gravado no início do ano passado em uma noite catártica na Lona.

### SERVIÇO

**CONTATO IMEDIATO: ANNA RATTO VISITA ARNALDO ANTUNES**

Circo Voador (Rua dos Arcos s/nº - Lapa)  
22/3, a partir das 21h  
Ingressos entre R\$ 60 (meia) e R\$ 160



# Saudades do homem do Souzabone

Netum Lima/Divulgação

Raul de Souza, morto em 2021, ganha tributo com direito a tema inédito nesta quinta no Manouche



Raul de Souza tocou com grandes nomes da MPB e até inventou um instrumento

**N**esta quinta-feira (21) o Manouche recebe a estreia do show “Raul de Souza—>Bone”, uma homenagem ao trombonista que mudou a história do seu instrumento e da música brasileira. Inventor do “Souzabone”, um trombone com pedal de efeito e quatro (em vez das habituais três) válvulas, o genial instrumentista, que viveu entre 1934 e 2021, dividiu a cena com grandes nomes, do calibre de Airto Moreira, Flora Purim, Sérgio Mendes e dos internacionais George Duke, Freddie Hubbard e Sonny Rollins.

Com direção musical do Glauco Sölter, baixista do mestre, a banda é formada por Marcos

Nimrichter (teclados), Eduardo Neves (sax tenor), Leonardo Ramiro (trombone), José Arimatéa (trompete) e Fofó Black (bateria), com Luana Mallet, Tania Tai e Ella Fernandes incrementando a massa sonora no backing vocal, como gostava Raul. Este show tem consultoria artística de Yolaine de

Souza, sua viúva, e produção e direção artística de Carol Rosman.

“Perdemos Raul em junho de 2021 e este será o primeiro show no Rio em sua homenagem com a ativa participação de um dos músicos de sua banda oficial, o baixista Glauco Sölter, que tocou com ele nos seus últimos 15 anos. Estou

muito feliz por atender ao convite da Yolaine para realizar este show, que batizamos carinhosamente de Raul de Souza—>Bone. Que a música dessa noite chegue aos ouvidos dele!”, comemora Carol.

No repertório, composições que revelam um lado mais dançante e mais próximo da cultura ame-

ricana do trombonista que viveu 14 anos nos Estados Unidos, onde lançou discos que fizeram sucesso e venderam no mundo todo. “Overture”, “Botton Heart”, “Sweet Lucy”, “Rio Loco”, “Don’t Ask My Neighbors”, “Wild and Shy”, “Banana Tree”, “Mitchs Boogie”, “Aqueles Coisas Todas” e a inédita “Bom Momento”, registrada num disco gravado na França há cerca de uma década e jamais lançado.

“É uma balada linda que Raul gostava muito e passou a tocar ao vivo em todas as apresentações. Parece um tema de filme”, adianta Glauco, que fica logo saudosos quando o assunto é o band leader. “A sonoridade do trombone dele lembra um veludo e cada nota brilha como um diamante. E além de ter melodias maravilhosas, as suas composições vêm carregadas de um suingue próprio, brasileiro. O Raul trouxe para o jazz uma linguagem de samba que ele aprendeu nas gafeiras cariocas. Ele nasceu em Bangu e vivia nessas rodas. Tocou até com Pixinguinha”, arremata o baixista.

## SERVIÇO

RAUL DE SOUZA—>BONE Manouche (Rua Jardim Botânico, 983)

21/3, às 21h

Ingressos: R\$ 140 e R\$ 70 (meia solidária, mediante doação de 1 kg de alimento não perecível)

## Jongo, o resistente pai do samba

Comunidade da Serrinha leva estilo ao palco do Rival Petrobras nesta quinta

Por **Affonso Nunes**

O samba carioca, todos sabem tem pai e este se chama jongo. Não fossem os esforços da comunidade da Serrinha, em Madureira, talvez este ritmo não tivesse alcançado os dias de hoje. Graças ao Grupo Cultural Jongo da Serrinha, que

comemora seis décadas neste 2024. O coletivo criado por Vovó Maria Joana e seus filhos, Mestre Darcy do Jongo e Eva Emely Monteiro se apresenta nesta quinta-feira (21), às 19h30, dentro da programação dde 90 anos do Teatro Rival.

Resistência é o nome do meio do grupo que segue com a missão de



Divulgação

O jongo é uma tradição musical originária do povo bantu

preservação do ritmo, trabalhando para divulgar e valorizar o gênero, conseguindo transformá-lo numa

das mais importantes referências da cultura carioca tanto que é reconhecido pelo Iphan como patrimônio

imaterial brasileiro desde 2005.

O jongo tem suas raízes nos saberes, ritos e crenças dos povos africanos, principalmente os de língua bantu, Trazidos da África para o trabalho forçado nas fazendas de café do vale do Paraíba no início do século XVIII. Sua história mistura-se com o crescimento das cidades, dentro das primeiras favelas, junto ao samba.

## SERVIÇO

JONGO DA SERRINHA Teatro Rival (Rua Álvaro Alvim, 33 - Cinelândia)

21/3, às 19h30 | Ingressos entre R\$ 39,60 (meia) e R\$ 80



Farley José/Divulgação



Espectáculo visita personagens da mitologia greco-romana, híbridos entre humano e animais, recriados a partir de elementos do flamenco, da dança contemporânea e do teatro

# Seres mitológicos revisitados

Solo da bailarina capixaba Ivna Messina cumpre temporada até domingo no Sesc Copacabana

**U**ma sereia, uma harpia, um fauno e uma medusa. Essas figuras mitológicas são ponto de partida para “Sirena”, mais novo solo de dança da bailarina capixaba Ivna Messina que está em cartaz até domingo (24) na Sala Multiuso do Sesc Copacabana.

Dirigido por Alessandra Bertoli, o espetáculo tem como eixo o hibridismo presente em seres da mitologia greco-romana que são parte humanos e parte animais, mesclando-se ao flamenco – arte a que Ivna se dedica há 22 anos –, à dança contemporânea, ao teatro e a uma trilha sonora especialmente composta para o trabalho, com direção musical de Letícia Malvares.

Ivna Messina pesquisa a relação entre o flamenco e outras expressões artísticas. Com esse foco, criou, em 2012, o projeto “Isso não é flamenco”, em que convida outros artistas, de diferentes áreas, para experimentar esse atravessamento de linguagens. Terceiro solo da artista, “Sirena” também segue por essa linha, ainda que seja bem diferente de seus trabalhos anteriores, “Bom sujeito” (2016), com direção de Fernando Marques, e “Pedra” (2018), direção de Carla van den Bergen.

“Trago a experiência do corpo flamenco e da lida com esses elementos e gestualidade, que é muito marcada e expressiva com as linhas, o trabalho de mãos, os giros... e essa

técnica é utilizada majoritariamente de maneira não tradicional no meu trabalho”, explica Ivna.

“O flamenco, portanto, está presente como técnica e matéria, mas ele não é utilizado de maneira tradicional; então, junto a isso, temos também técnicas de dança contemporânea e elementos relacionados ao teatro e à música”, destilha a artista.

Em “Sirena”, essa contaminação extrapola o universo da linguagem e aparece na criação de figuras mitológicas híbridas, em imagens sugeridas a partir de elementos característicos do flamenco, que vão sendo ressignificados ao longo dos personagens. Exemplo disso é a bata de cola – que se transforma no rabo da sereia e traz ainda uma sensação de mar, das ondas, das algas –, o mantón de manila (xale) – que se relaciona com as asas de uma harpia e o cabelo da medusa –, ou ainda o sapateado – que re-

mete ao casco do fauno. Para além de questões meramente estéticas, essas mesclas também se abrem a temáticas transversais contemporâneas e apontam posicionamentos e escolhas políticas, como o debate sobre a marginalização de figuras híbridas na sociedade de modo mais amplo, os “purismos” de várias ordens e a representação da mulher.

Para Alessandra Bertoli, todos que participam do núcleo de criação, cada um em sua função, ajudam a tecer sentidos e são estimuladores para a construção do espetáculo, que surgiu de uma proposta pessoal de Ivna. “A relação da intérprete-criadora com os elementos cênicos, a apropriação, a ressignificação deles, nos ajudando a construir esses outros híbridos que desejamos, gerando esse lugar de constante transformação durante o espetáculo inteiro”, destaca.

## SERVIÇO

**SIRENA**  
Sesc Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160)  
Até 24/3, de quinta a domingo (19h)  
Ingressos: R\$ 30, R\$ 15 (meia) e R\$ 7,50 (associados Sesc) e grátis (público PCG)

## O campo emocional de um casal

Divulgação



Guarde-me

O Festival Dança em Trânsito segue neste fim de semana com Márcia Milhazes Companhia de Dança e o espetáculo “Guarde-me”. Segunda parte de uma trilogia no universo de cartas de amor, “Guarde-me” conta com uma temática delicada sobre a existência em um registro coreográfico que mergulha no campo emocional de um casal.

O realismo de suas histórias revela um campo interior de fantasias e tentativas afetivas. Um espaço livre que os move entre a força de um silêncio barulhento e o mundo que os acolhe. O espetáculo conta com uma trilha sonora especialmente composta pelos músicos Eduardo Antonello (cravo, viola da gamba), Roger Lagr (violino barroco), Pedro Novaes (viola da gamba e flauta barroca).

## SERVIÇO

**GUARDE-ME**  
Centro Cultural Espaço Tápias (Rua Armando Lombardi, 175- Barra da Tijuca)  
23 e 24/3, às 19h  
Ingressos: R\$ 40 e R\$ 20 (meia)



Laureado com o Oscar, em 2022, drama baseado na prosa de Murakami chega ao mais pop dos streamings enquanto o novo projeto do diretor Ryūsuke Hamaguchi está em preparação

Por **Rodrigo Fonseca**  
Especial para o Correio da Manhã

Falta pouco para a estreia comercial de “O Mal Não Existe”, longa-metragem mais recente do diretor japonês Ryūsuke Hamaguchi, laureado com o Grande Prêmio do Júri do Festival de Veneza de 2023. Falta menos ainda para a ele finalizar “Our Apprenticeship”, que, segundo apostas, vai ficar pronto para a disputa pela Palma de Ouro de Cannes, de 15 a 25 de maio.

Porém, em meio à espera por novidades desse cineasta de 45 anos, seu trabalho de maior culto e sucesso, “Drive My Car”, ganha nova vitrine, não por acaso, o mais popular dos streamings: a Netflix. A MUBI ainda mantém essa produção de US\$ 1,3 milhão, ganhadora do Oscar de Melhor Filme Internacional de 2023, em sua grade. Mas a chegada ao Netflix amplia o prestígio e a popularidade de Hamaguchi. Num papo com o Correio da Manhã, quando integrou o júri da Berlinale, há dois anos, o cineasta falou sobre desejo de se comunicar pelas telas:

“Eu tento entender o isolamento, em parte por vir de uma cultura na qual as pessoas têm dificuldades para exprimir o que sentem e para



“Drive My Car”, de Ryūsuke Hamaguchi, foi laureado com o Oscar de Melhor Filme Internacional e hoje está na Netflix

# Drive My Car’ chega à Netflix



“O Mal Não Existe” foi premiado em Veneza no ano passado



expressar suas inquietações. E eu tenho um profundo apressamento pela força plástica da palavra do cinema. O silêncio, no meu cotidiano já diz muito. Gosto de que vá além dele”, disse Hamaguchi, que concorreu aos Oscars de Melhor Roteiro Adaptado e de Melhor Direção também por “Drive My Car”.

Com uma bilheteria de US\$ 15 milhões, o longa é um (melo) drama idealizado como releitura das tramas da coletânea “Homens Sem Mulheres” (2014), de Haruki Murakami, um dos maiores escri-

tores da atualidade. Releitura essa que conquistou Globo de Ouro de Melhor Filme de Língua Não Inglesa, três prêmios em Cannes (Melhor Roteiro, Prêmio do Júri Ecumênico, Prêmio da Crítica) e mais 96 láureas.

Egresso da província de Kanagawa, Hamaguchi faz de “Drive My Car” uma experiência catártica de sublimação de perdas. É um drama devastador, mas que conquista pela sutileza e pela delicadeza, dialogando com a peça “Tio Vayna”, de Anton Tchekhov

(1860-1904). De carona em sua trama, acompanhamos a saga de um ator e diretor de teatro em reinvenção, após a morte de sua mulher, construindo laços afetivos com uma jovem motorista.

“Talvez a grande escola cinematográfica que eu siga seja John Cassavetes no filme ‘Uma Mulher Sob Influência’, que eleva a potência de uma atriz ao extremo”, disse Hamaguchi. “Toda a verdade que existe em cena vem da organicidade que sua estrela dá ao que ele quer contar. E é o que eu busco no processo com

meus colegas do elenco”.

Em 2021, Hamaguchi foi laureado na Berlinale com o drama “Roda do Destino” (“Wheel of Fortune and Fantasy”), que lhe rendeu o Grande Prêmio do Júri, na forma de um Urso de Prata. Badalada mundialmente, a produção narra três histórias autônomas, todas protagonizadas por personagens femininas. As três falam dos encontros e desencontros da vida, de desejos represados e do poder do acaso na transformação e nos relacionamentos humanos.

Pouco se sabe até agora sobre o projeto atual de Hamaguchi. Mas seu “O Mal Não Existe” já está na agenda da distribuidora Imovision, no aguardo de uma brecha em circuito. Já houve uma projeção dele na Mostra de São Paulo. Numa fina estrutura dramática, Hamaguchi se volta para o dia a dia de Takumi e sua filha, Hana, que vivem em um vilarejo nos arredores de Tóquio. Lá, gerações de famílias levam uma vida simples, ditada pelos recursos e ciclos da natureza. Takumi descobre que duas grandes empresas planejam construir, perto de sua casa, um local que será um camping de luxo para turistas que desejam “escapar” da cidade. Mas a construção terá impacto no fornecimento de água e será uma ameaça ao equilíbrio ambiental do lugar. Seu coeficiente de dor, mas também de superação, caracteriza o olhar lírico do cineasta.





DivertidaMente



The War of the Rohirrim



Doraemon Nobita's Earth Symphony

# Uma esquadra muito animada

Chegada de 'Kung Fu Panda 4' abre caminho para uma das mais fortes safras da animação dos últimos anos, incluindo títulos dirigidos por brasileiros



Kung Fu Panda 4



Arca de Noé

Por Rodrigo Fonseca  
Especial para o Correio da Manhã

**D**epois da revoada de “Patos” (“Migration”), um sucesso avalizado por uma bilheteria de US\$ 285 milhões, o circuito exibidor brasileiro se delicia com o ganhador do Oscar “O Menino e a Garça” e o destaque de Cannes “Meu Amigo Robô”, já de olhos no que já se configura como um dos mais fortes blockbusters de 2024. “Kung Fu Panda 4” é seu nome e sua estreia está marcada para esta quinta-feira (21).

Lá fora, o longa-metragem dublado genialmente por Lucio Mauro Filho faturou US\$ 176,5 milhões. Suas cifras crescem minuto a minuto, comprovando a potência da fornada 2024 do cine-

ma animado. “DivertidaMente 2”, da Disney, prepara sua estreia para 13 de junho (por aqui), disposto a repetir os bons resultados do filme original, de 2015, protagonizado pelas emoções de uma menina – agora aborrescente.

Com o panda Po de volta às telas, a alegria de grupos exibidores parece garantida, uma vez que a franquia, inaugurada em 2008, já faturou US\$ 1,8 bilhões, tendo as vozes de Jack Black e de Dustin

Hoffman (dublado aqui por Leonardo Camillo) em seu protagonismo. Na atual e febril aventura do rotundo herói, encontram-se elementos de “Star Wars - Episódio V: O Império Contra-Ataca”. Essa alusão se dá na relação que vai estabelecer entre Po e a raposa Zhen (Awkwafina), ao perceber nessa ladina de mãos leves a força, ou seja, a manha necessária para se tornar sua sucessora no posto do Dragão Guerreiro.

Seu mestre, o feneco (autodefinido como panda vermelho) Shifu (papel de Hoffman) crê que Po deve evoluir e alcançar um degrau de evolução espiritual que muda seu nível de combatente. Nessa evolução, ele precisa de alguém que o substitua. Seu desafio será ir atrás de suplentes em meio ao ataque feroz de uma feiticeira que muda de forma, a Camaleoa, vivida por Viola Davis no ápice da crueldade.

Há um clima de batalha prometido pelo que promete ser o maior êxito comercial do setor animado em 2024: “The Lord of the Rings: The War of the Rohirrim”. Trata-se de um derivado da franquia “O Senhor de Anéis” (2001 – 2003), de Peter Jackson, recentemente revivida numa série da Amazon Prime, de J. A. Bayona. Mas o que se vê lembra mais Jackson do que Bayona. A direção é de Kenji Kamiyama. Seu roteiro narra a história não contada por trás do conflito no Abismo de Helm, ambientado centenas de anos antes da fatídica guerra da Sociedade do Anel contra Sauron. O enredo desse épico em computação gráfica recria os feitos do guerreiro Helm Mão de Martelo, dublado por Bryan Cox. Já se fala em Oscar para o longa.

Em maio, um dos felinos mais amados dos quadrinhos e da TV, o gato Garfield vai retornar aos cinemas, agora com a voz de Chris Pratt. Nos anos 1000, o bichano criado por Jim Davis foi encarnado

pelo gaiato Bill Murray (dublado por Antônio Calloni), numa mistura de live action com personagens gerados digitalmente.

Tudo indica que Annecy e Cannes devem receber “A Arca de Noé”, de Sergio Machado, um representante de peso da animação brasileira. Produzido por Walter Salles e pelos irmãos Caio e Fabiano Gullane, o novo trabalho do realizador de “Cidade Baixa” (2005) resgata, como longa de animação, os sonetos de Vinícius de Moraes, outrora transformados em espetáculo musical, agora na forma de aventura. Nela, um trio de ratos (com as vozes de Alice Braga, Rodrigo Santoro e do já citado Noé) lutam para escapar do dilúvio.

Já lançado na Ásia, “Doraemon: Nobita's Earth Symphony”, de Kazuaki Imai” deve estourar por aqui em julho, ou, no mais tardar, em agosto. Lá se vão 21 anos desde que “A Viagem de Chihiro” deu a Hayao Miyazaki o Urso, consagrando a animação nipônica. Agora, o segmento mais rentável da indústria audiovisual asiática pode voltar ao festival com a saga do gato robótico, chamado Doraemon, que voltou dois séculos no passado para ajudar um estudante desastrado, o guri Nobita Nobi, a se socializar. No novo filme derivado das HQs de do Fujiko F. Fujio, Nobi trava novas amizades numa seara de perigos.

Para o segundo semestre, são esperados “Harold and the Purple Crayon”, do carioca Carlos Saldanha; “The Day the Earth Blew Up: A Looney Tunes Movie”, com Patolino e Gaguinho; “Meu Malvado Favorito 4”; e “Fixed”, de Genndy Tartakovsky. Para o Natal, a pedida é “Mufasa”, de Barry Jenkins (de “Moonlight”), sobre o pai do Rei Leão.